

**Veículo:** *O Estado de S.Paulo* – coluna Espaço Aberto

**Data:** Janeiro/2004.

## **Ano bom? Tomara**

*Fernando Henrique Cardoso*

Terminada a época dos balanços do ano passado, as atenções voltam-se para o futuro, do país e do planeta. A globalização financeira não torna o mundo melhor e dificulta as apostas sobre cada país isoladamente. E pode perturbar as previsões que não a tomam em conta.

No ano passado, o governo conseguiu superar as expectativas negativas que as propostas históricas do partido governante haviam desencadeado. Houve alívio geral ao ver que não haveria rupturas. O resultado foi, ao mesmo tempo, surpreendente e tranquilizador. Assumida a herança, pouco importa o muxoxo sobre se ela é ou não “maldita”. Deve ter-se tornado “bendita”, pelo menos aos olhos dos que lhe deram continuidade.

Agora, é de ser esperar que o governo comece a ter iniciativas consistentes na área social sem inventar a roda quadrada. Há muito para modificar e melhorar. Mas slogans e manchetes não substituem a eficiência de programas sérios, conduzidos por profissionais competentes, sempre que os superávits primários não engulam todos os recursos disponíveis.

Ao cobrar resultados, contudo, não creio que se devam avaliar os governos pelo que não podem mais fazer sozinhos. Refiro-me a obter metas ambiciosas de crescimento econômico e de oferta de empregos, áreas nas quais os governos, numa economia globalizada, podem fazer menos do que em geral prometem nas campanhas.

A economia brasileira cresceu 4,4% em 2000, depois de haver sofrido no ano anterior uma crise financeira devastadora. Tudo indicava, depois da recuperação, que 2001 seria um ano de consolidação de um ciclo virtuoso. Não foi o que ocorreu. Da mesma forma, de

1996 para 1997, o crescimento do PIB se acelerou de 2,8% para 3,7%, mas, ao final de 1997 e em 1998, vieram as crises da Ásia e da Rússia. Permearam crise entre o otimismo dos balanços promissores dos fins de cada ano de vacas gordas e a triste constatação de quebra de expectativas.

Por isso, a despeito da torcida favorável, convém uma dose de cautela. O crescimento de 3,5% esperado para 2004 será em relação a uma base muito deprimida, um crescimento quase zero em 2003. Mesmo assim, tomara haja esse crescimento e que traga a sensação de desafogo pela qual tanto ansiamos.

Há condições para tanto. Nos últimos anos, a base produtiva da economia brasileira mudou para melhor. Na agricultura, os resultados são palpáveis. A indústria reequipou-se, os serviços modernizaram-se e, no conjunto, a economia mudou de patamar qualitativo. Se as taxas de juros continuarem a baixar, e o governo voltar a investir e, sobretudo, a estimular o investimento privado, haverá expansão. A capacidade ociosa atual permite aumentar a produção sem gerar pressões inflacionárias, apesar das baixas taxas de investimento dos dois últimos anos, e atender à demanda por nossos produtos de exportação. Tudo irá relativamente bem, se os termos de intercâmbio se mantiverem favoráveis e, principalmente, se o mercado financeiro internacional se mantiver tranqüilo.

Esse é o xis da questão. A economia brasileira ainda depende dos preços de nossas *commodities* de exportação, determinados pelo mercado internacional. Por mais que, desde 1999, tenhamos reduzido as necessidades de financiamento externo, continuamos sensíveis aos fluxos financeiros internacionais. Sobre essas variáveis, os governos podem pouco. Há um componente lotérico na globalização que, quando a sorte vira, desfaz na voragem das crises parte dos esforços de reorganização dos países emergentes.

Corremos, portanto, riscos. Para que em 2004 tudo melhore, temos de torcer para que o mundo se acomode sem trauma maior às conseqüências das iniciativas do governo Bush, desde os custos políticos da guerra do Iraque até os déficits orçamentário e externo dos Estados Unidos, que se encontram em níveis elevadíssimos. Até agora não houve problemas para financiar o déficit externo americano e as previsões continuam a apontar uma inflação baixa. Isso permite ao Fed alterar mais tarde suavemente a política de juros

baixos, o que deverá facilitar a vida do Brasil e do mundo. Ninguém sabe, contudo, se as previsões mais pessimistas (ou serão realistas?) de analistas como Martin Wolf, do *Financial Times*, quanto aos efeitos de uma eventual desvalorização abrupta do dólar sobre os três grandes blocos internacionais – o americano, o europeu e o asiático –, se irão concretizar. Poderia haver uma verdadeira guerra de moedas entre os mercados financeiros desses blocos. Essa reação em cadeia poderia prejudicar-nos. Gato escaldado deixa as barbas de molho.

Os governos também costumam ser considerados culpados pelas taxas de desemprego. Hoje, no Brasil, elas batem recordes históricos. Nas condições tecnológicas atuais, o crescimento do PIB precisa ser espetacular (no caso, cabe a qualificação) para ter efeito significativo sobre o desemprego. Não ocorrendo forte crescimento na economia, só as tendências demográficas podem produzir maior alívio, ainda que em iniciativas de estímulo à geração de ocupação e renda possam minorar o problema. A partir de 2015, a redução das taxas de crescimento populacional deverá refletir-se na faixa de idade dos que ingressam a cada ano no mercado de trabalho. Até lá, a menos que ocorra o aludido crescimento espetacular, continuaremos a ter dificuldades para absorver o contingente de jovens que a todo ano chega ao mercado de trabalho.

Enquanto esses fatores estruturais, internos e externos, não se alterarem favoravelmente, o que de melhor os governos podem fazer é ampliar as possibilidades de projeção internacional do país a partir de seu entorno, fortalecer a sociedade civil e as instituições democráticas, aprimorar a regulação dos mercados, com regras claras e estáveis para estimular o investimento e favorecer o consumidor a investir em educação, saúde e inovação tecnológica. Sem esquecer de reduzir a pobreza com programas sociais sérios, participativos e criativos. Além de, naturalmente, melhorar as políticas econômicas e até mesmo investir em áreas produtivas estratégicas.

Mas os governos devem ter a humildade de reconhecer que os mercados globalizados deixam margens de manobra muito pequenas para reviver projetos de crescimento baseados apenas na “vontade política” dos governantes. Projetos que fazem mais ruído do que trazem resultados. O importante, até que tenhamos superado nossas deficiências estruturais, é continuar preparando o país para aproveitar os momentos favoráveis, que podem ser fugazes. Tomara 2004 nos dê essa chance, e o governo não a desperdice.